

# CARACTERÍSTICAS DA REPÚBLICA BÚLGARA

Quando um plebiscito aprovou por uma maioria esmagadora, o estabelecimento de uma república búlgara, no mês de setembro do ano passado, Georg Dimitrov, que é agora o premier, disse que a Bulgária seria uma república popular, não uma república de tipo soviético. O papel principal na nova república — declarou Dimitrov — será julgado pelos trabalhadores, camponeses e intelectuais.

Agora, com a recente campanha eleitoral na Polónia, Wladislaw Gomulka, secretario do Partido Comunista e vice-premier do presente governo provisório, declarou em um comício popular: "Não desejamos criar uma ditadura do proletariado, nem temos nenhum desejo de socializar a Polónia, da mesma forma que acontece na Rússia".

A situação é similar na Iugoslávia e Checoslováquia, que têm premieres comunistas; na Rumania, onde os comunistas representam um papel principal dentro da Frente Nacional Democrática — que acaba de ganhar as eleições — e também na Hungria e na Finlândia, onde os comunistas vêem, cada dia, aumentar as suas forças.

Não incluo a França e a Itália nesta discussão. Enquanto o ponto de vista dos comunistas nestes dois países segue também linhas semelhantes, surgem outros problemas, os quais devem ser discutidos separadamente.

As declarações que tenho reproduzido dos comunistas desses países, não podem ser interpretadas nem como uma condenação à União Soviética, nem como uma renúncia dos princípios socialistas.

Nem se trata tampouco de manobras táticas para enganar os reacionários domésticos e os imperialistas estrangeiros. Estes países estão encontrando seu próprio caminho para o socialismo, de acordo com as suas circunstâncias específicas e do mundo.

Estas circunstâncias específicas tornam possível, pelo menos para os países da Europa Orien-

Por James S. ALLEN

Copyright da INTER PRESS

tal, uma transição pacífica para o socialismo.

Os comunistas, desde a época de Marx, nunca insistiram em que devem impor o socialismo só por meio de uma violenta revolução. A força da resistência reacionária diante das transformações sociais largamente perseguidas e desejadas pelo povo, assim como a relação de forças em uma escala internacional, determina se a contra-revolução armada deve lançar a nação a uma luta pelo seu progresso.

Na Europa Oriental, a derrota dos invasores nazistas também significa a derrota política das classes que colaboraram com elas, as velhas classes governantes dos grandes proprietários e dos capitalistas. Os movimentos de resistência criaram novos exércitos e novos centros de força, os quais em alguns países modificaram completamente o velho aparato governamental.

Depois da vitória militar, o poder caiu praticamente na rua e foi recolhido ali pelos movimentos de libertação. A coalizão de trabalhadores e camponeses e de setores da classe média, modificaram as velhas coalizões capitalistas, unidas no capital estrangeiro.

Outra circunstância igualmente significativa é que novos regimes democráticos não têm que lutar com uma só frente das grandes potências. A União Soviética, que jogou o papel principal em sua libertação, é também sua defensora contra os planos intervencionistas da reação internacional.

Não se pode colocar nenhum limite artificial ou arbitrário sobre a transformação democrática que agora está se processando na Europa Oriental. As medidas democráticas de nacionalização, de reforma agrária, destruição das forças fascistas e o surgimento das massas à atividade política, em defesa de seus próprios interesses, criaram um

novo tipo de democracia que, ao mesmo tempo, um grande avanço para o socialismo.

Jornal Tribuna Popular  
7 fevereiro 1947